



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9197 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

DISPOSITIVOS FOTOGRÁFICOS COMO SUPORTES DE ENTREVISTAS NARRATIVAS COM JOVENS

Ana Karina Brenner - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Paulo Cesar Rodrigues Carrano - UFF - Universidade Federal Fluminense

Resumo

Apresentamos para o debate conjunto de ferramentas metodológicas qualitativas utilizadas em pesquisa desenvolvida por nosso grupo de pesquisa realizando escuta de jovens estudantes de ensino médio na cidade do Rio de Janeiro. Foram realizadas 19 entrevistas narrativas para as quais solicitou-se trazer algum objeto que ajudasse a narrar sua história. Realizamos entrevistas narrativas utilizando dispositivos fotográficos com estilo dialógico e reflexivo de interação entre entrevistadores e jovens entrevistados. Foi realizado grupo de discussão para sondar representações coletivas sobre temas chave da pesquisa. Três jovens receberam máquina fotográfica digital para a produção de fotografias expressivas sobre seus percursos de vida. O dispositivo foi tratado como um “desafio” ou “tarefa fotográfica” em busca da reflexividade sobre si. Os dados produzidos para análise foram marcados pela ativa participação dos jovens entrevistados que tiveram campo de possibilidade ampliado para produzir reflexões, narrativas e imagens sobre si que dificilmente se apresentariam em dinâmica clássica de entrevista narrativa sem o suporte imagético. As fotografias produzidas e interpretadas pelos jovens permitiram a compreensão sobre processos de subjetivação e interações realizadas em seus contextos de sociais de referência, tais como aqueles relacionados com a vida familiar, o trabalho e a escola.

Palavras-chave: Jovens; Fotografia; Reflexividade; Narrativas

A pesquisa na qual se baseia este trabalho insere-se no campo dos estudos de juventude e busca compreender processos de individuação de jovens cujas vidas estão marcadas, em especial, por percursos escolares acidentados – abandonos e reprovações. Buscou-se compreender, a partir da associação de abordagens quantitativas e qualitativas, percursos de vida juvenis e seus processos singulares de constituírem-se como indivíduos.

A pesquisa com jovens tem demandado imaginação sociológica (Mills, 1972) e criatividade no sentido de combinar abordagens metodológicas que permitam reconhecer as diversidades e desigualdades da experiência juvenil, assim como extrapolar os limites das entrevistas que tenham a narrativa oral como único recurso. Sujeitos inseridos em contextos de reiteradas entrevistas institucionais ou temas controversos ou ainda difíceis de expressar no processo de desenvolvimento juvenil

podem ficar inadequadamente tratados com o uso exclusivo da oralidade na entrevista. A combinação de abordagens e técnicas de pesquisa alcançaria, de modo mais consistente, as múltiplas formas de interação dos jovens na sociedade contemporânea. Tal busca impulsionou a construção de dispositivos de uso e produção de imagens na pesquisa que serão o eixo central de análise neste trabalho.

O desenho metodológico da pesquisa contemplou a realização de survey, aplicado em 14 escolas de ensino médio da rede pública estadual da capital do Rio de Janeiro. Foram aplicados 593 questionários a jovens, numa amostra não probabilística, selecionada a partir de critérios pessoais a respeito dos elementos que são mais representativos na população.

A partir das tabulações e análises do survey foram elencados alguns perfis recorrentes de estudantes e a partir destes foram selecionados – entre os jovens que ao final do questionário responderam positivamente ao convite a participar de uma nova etapa com entrevistas – 20 jovens para a segunda etapa, qualitativa, da pesquisa. As entrevistas foram realizadas nas escolas onde os jovens estudavam.

Terceira etapa da pesquisa foi desenvolvida a partir da análise do material obtido com as entrevistas narrativas filmadas e consistiu em acompanhar três dos jovens entrevistados em seus cotidianos: trabalho, vida familiar, lazer e tempo livre. Para a seleção dos jovens que seriam acompanhados nesta terceira etapa foi realizado um grupo de discussão para o qual foram convidados 8 dos 20 entrevistados na primeira etapa sendo que 5 compareceram.

Tanto para as entrevistas quanto para o grupo de discussão e os acompanhamentos foram utilizados *dispositivos* de apoio às narrativas orais dos jovens. Vamos nos deter, nesta comunicação, à apresentação e discussão dos dispositivos utilizados e os resultados obtidos no sentido da produção de reflexividade no momento de entrevista. Todo o processo qualitativo da investigação foi registrado em vídeo para produção de filme de pesquisa.

Dispositivos de foto e vídeo

O processo de entrevista numa perspectiva dialógica busca produzir “espaço biográfico” (Arfuch, 2010) para a emergência do discurso do outro. A mediação do dispositivo imagético faz com que o narrador se constitua como um co-produtor reflexivo diante da “provocação” daquele que quer vir a conhecer percursos biográficos e cotidianos. Um filme documentário é, em síntese, o processo de produção de uma nova realidade, ou seja, a relação entre quem filma e quem narra. Produção de filmes e utilização de *dispositivos* reflexivos fizeram parte do mesmo processo de pesquisa e diálogo. A produção de imagens e sons para a montagem do filme da pesquisa foi também suporte ao processo dialógico de entrevistas que buscava superar os limites metodológicos anunciados no início deste trabalho. Lins (2008: 56), analisando o documentário brasileiro contemporâneo aponta que a noção de dispositivo remete à criação, pelo realizador, de um artifício ou protocolo produtor de situações a serem filmadas. Consideramos que os dispositivos são também artifícios ou protocolos produtores de diálogos e reflexividade sobre si dos sujeitos da pesquisa.

Em nossa investigação, a utilização de imagens como suportes da narração biográfica e representação de cotidianos foi resultado do dispositivo de fotos e vídeos que introduzimos na relação de entrevista e que teve como objetivo provocar

reflexividade no processo de produção e narração de imagem. Desta forma, o que nos chegou foram imagens (fotografias e vídeos) produzidas em contexto de reflexividade provocada. Neste sentido, as imagens produzidas pelos jovens foram representações de si e de um cotidiano intencionalmente alterado pelo processo de pesquisa. Não foram, então, as imagens que Martins (2008:53) denominou como “fotografias ingênuas do senso comum popular” que não retratam ou representam o cotidiano, mas que pelo contrário nos falam de uma ingênuo contestação do cotidiano, sua recusa, a recusa do cotidiano como momento do trabalho.

Objetos de memória para entrevistas narrativas

As entrevistas narrativas foram realizadas nas escolas onde cada jovem participante estudava. Buscava-se compreender, através das entrevistas, percursos biográficos juvenis dando especial atenção às dinâmicas territoriais e sua incidência sobre as trajetórias escolares, assim como a outros aspectos que a literatura científica demonstra serem decisivos aos cursos de vida e escolarização, tais como as estratégias familiares para a conquista da longevidade escolar, a inserção no mundo do trabalho e a própria qualidade da vida escolar que pode significar fator de atração ou repulsão frente ao prosseguimento dos estudos. Com o intuito de facilitar o diálogo em torno dessas questões, solicitou-se aos entrevistados, no momento do agendamento, que trouxessem para a entrevista algum objeto que ajudasse a contar sua história, algo que fosse expressivo daquilo que se considerava importante ser dito sobre si.

Todos os entrevistados assim o fizeram e o que mais chamou atenção da equipe de pesquisa, para além da diversidade de histórias contadas a partir desses objetos, é que a maioria trouxe fotografias, algumas impressas, sendo a maior parte em seus aparelhos de celular. Ao início da entrevista eram convidados a colocar o objeto trazido sobre o banquinho junto à sua cadeira, indicando-se que o apresentasse ao entrevistador quando lhe parecesse mais oportuno. Alguns iniciaram a conversa mostrando os objetos trazidos, outros acionaram seus objetos ao longo da entrevista quando o caminho da conversa cruzava a referência de memória representada pelo objeto trazido. Uma das entrevistadas, diante da questão inicial que a instigava a falar sobre sua vida, contou seu nome e, quase sem interferências do entrevistador, falou por cerca de 12 minutos num encadear de ideias que foi do começo da adolescência àquele momento (21 anos de idade) culminando sua narrativa manuseando os três objetos de memória que depositara sobre o banquinho: mostrou para a câmera a foto de seu filho, recolocou no dedo a aliança que tirara ao chegar e que dizia sobre o novo casamento e recolocou no pescoço o crachá do emprego que significava a superação do contexto de informalidade no trabalho. Os objetos sobre o banco representaram o fio condutor de sua narrativa, que desaguou no momento presente de sua vida em que a alegria expressa pelo filho representava a superação da violência doméstica sofrida (por parte do próprio pai e do pai de seu filho), a aliança uma nova possibilidade de constituição de vida familiar feliz e o crachá o momento de inflexão de sua vida representada pelo que o emprego significou em termos de estabilidade, novidade positiva e suporte para as transformações de vida que almejava.

As fotos de filhos trazidas por rapazes mostraram o sentido organizador dos percursos biográficos que a paternidade pode proporcionar. As pesquisas sobre jovens ainda se concentram quase exclusivamente sobre a maternidade e os jovens mostraram que a ausência do tema nas pesquisas é resultado da invisibilidade de um debate importante para se pensar os processos de individuação e as incidências

destes nos percursos escolares. As fotografias deram relevo àquilo que em palavras, talvez, não tivessem o mesmo peso emocional para demonstrar a importância da superação do desafio do “ser pai” na vida desses jovens.

Varal de fotos

Ao realizarmos o grupo de discussão já havia se passado um ano ou pouco mais desde que as entrevistas haviam sido realizadas, ou seja, desde que a equipe de pesquisa se encontrara com cada um dos jovens. Colocou-se a questão de como se reencontrar depois de tanto tempo e iniciar uma conversa que não seria mais individual mas com outros jovens participantes da mesma pesquisa. Como dispositivo de encontro criou-se um *varal de fotos* para disparar o diálogo em grupo. As fotos utilizadas podem ser definidas como fotos-conceito, ou seja, não remetiam a espaços e lugares facilmente identificáveis pelos jovens, mas a imagens variadas e relativamente abstratas representando caminhos, passagem do tempo, escombros, detalhes de objetos etc.

A foto de uma pista de pouso com marcações indicativas dos caminhos que devem seguir os passageiros no embarque/desembarque levou um dos jovens a dizer como aquelas linhas marcadas no chão com o céu azul ao fundo fazia-o pensar em seu passado-presente-futuro; as marcas do que ficou para trás e as possibilidades projetadas no horizonte. O varal de fotos permitiu não apenas uma dinâmica de encontro, mas propriamente a evocação de narrativas de outro tipo em relação às produzidas nas entrevistas realizadas no ano anterior. E conduziram de maneira bastante fluida e orgânica o grupo de jovens à roda na qual se estabeleceu o grupo de discussão.

Desafio fotográfico

Definidos os jovens participantes da segunda etapa qualitativa que realizaria acompanhamentos a atividades cotidianas apontadas pelos próprios jovens, novamente se interpôs a necessidade de suportes (transformados em dispositivos) à reflexividade. Os jovens narraram seus percursos de vida, desafios enfrentados e modos de superá-los. Neste sentido, elaborou-se um desafio fotográfico em torno de duas questões: a) sua vida poderia ser fotografada? b) O que você fotografaria? Cada um dos três jovens participantes desta etapa da pesquisa recebeu, sob empréstimo, uma máquina fotográfica digital. Sugeriu-se, com estas questões, um exercício projetivo de fotografias em que poderiam registrar e descrever espaços-tempo de seus cotidianos, bem como imagens abstratas que poderiam representar experiências, acontecimentos, sentimentos, projeções, expectativas de futuro. Em tempos de máquinas digitais, é possível registrar um sem-número de fotografias, contudo, o principal da tarefa de reflexão sobre si recai sobre a escolha das fotos, daquelas que melhor representam aquilo que se pretende mostrar. Neste sentido, os jovens poderiam registrar quantas fotos quisessem, mas deveriam escolher e dar título a entre 15 e 18 fotos para serem apresentadas à equipe de pesquisa em novo encontro marcado com 2 a 4 semanas de intervalo após este primeiro encontro.

O senso comum diz que “uma imagem vale mais que mil palavras”, porém, muito daquilo que se vê em uma imagem expressa, além das intenções e os acasos significativos de seu produtor, também as experiências, sentimentos, conhecimentos e pré-noções de quem olha. Neste sentido, o retorno das fotos para uma nova conversa sobre elas era fundamental para se compreender o que e porquê os jovens haviam feito e escolhido os registros fotográficos apresentados. Neste processo de retorno muitos temas já abordados nas entrevistas foram retomados com novos conteúdos e interpretações alternativas dos

jovens sobre suas próprias experiências e percursos de vida.

Produção de vídeos

O último dispositivo utilizado nesta pesquisa foi o de vídeo, introduzido com o uso da mesma máquina digital entregue aos jovens. Com o dispositivo de vídeo esperava-se dar continuidade ao processo autorreflexivo dos jovens e também obter registros de imagens que poderiam ser usadas no vídeo documentário e que dificilmente poderiam ser registradas por uma equipe de filmagem sem que isto tivesse significativa interferência na situação registrada.

Conclusões

A utilização dos dispositivos acima referidos permitiu aprofundar as possibilidades reflexivas dos sujeitos participantes da pesquisa em torno de suas trajetórias de vida, das provas enfrentadas e dos suportes acionados por esses jovens no sentido da superação dessas provas.

Ao comparar as produções e retornos dos dois últimos dispositivos, foi possível observar o melhor resultado em termos de processo autorreflexivo expresso nas fotografias. Ainda assim, os vídeos efetivamente produziram imagens significativas para o vídeo documentário, seja em função do olhar peculiar de cada jovem sobre suas realidades, seja pela preservação da cena vivida sem a interferência da equipe de pesquisa ou mesmo pela exclusiva interferência do jovem.

Bibliografia

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

LINS, Consuelo. Dispositivos documentais, dispositivos artísticos. In.: **Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.